

Audrey Carlan

A Rapariga do Calendário

Julho, Agosto e Setembro

Volume 3

Tradução

Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Índice

Julho	9
Agosto	135
Setembro	265

Julho

Rosa McAnulty

O mês de Julho é dedicado a ti, minha princesa porto-riquenha.

Obrigada por assegurares que a linguagem e os maneirismos da cultura de Porto Rico eram autênticos e fiéis à personagem.

Obrigada por seres um membro fantástico da minha equipa, sistema de apoio, mas acima de tudo, por seres uma amiga.

BESOS, Anjo.

Capítulo 1

Loura. Olhos azuis. Alta. Deusa. Nossa Senhora. O universo ria-se de mim quando fiquei ali espedada de pé a olhar para aquela mulher escultural de cima a baixo. Podia muito bem ser a perversa irmã perfeita de Rachel, e na minha opinião Rachel era estonteante. Não. Não podia estar mais errada.

A mulher estava ao pé de um lustroso *Porsche Boxster* preto, andando de um lado para o outro como se estivesse incrivelmente ansiosa. Os dedos tamborilavam com um ritmo cadenciado de encontro ao letreiro que segurava onde constava o meu nome. Uma mudança não muito subtil de um vertiginoso salto *stiletto* para o outro limitou-se a realçar a impetuosidade que se desprendia dela num movimento ondulante. Mas pensando bem, também podia ser por causa do calor de Miami. Santo Deus, estava um calor sufocante, contudo esta mulher tinha um ar impecável, como se tivesse acabado de sair de um vídeoclipe. *Skinny jeans* tão justos que podia ver a bela curva da sua vagina. O *top* de alças deixou-me de queixo caído prestes a babar-me, completado com um monograma ao longo de um par de grandes mamas onde se lia *Abraça-me e Morre*. Havia pelo menos dez colares de contas, comprimentos e tamanhos variados enrolados à volta da coluna suave do seu pescoço. Possuía um belíssimo cabelo em jeito de estrela de *rock* apanhado num complexo sistema de tranças e mechas soltas que lhe dava um ar de roqueira chique.

Depois de a ter inspeccionado durante o que me pareceu serem vários minutos, a rapariga cravou os seus olhos azul-acinzentados em mim. Uma

baforada de ar saiu-lhe dos pulmões quando atirou o cartaz através da janela do carro e se encaminhou na minha direcção. Esquadrinhou-me desde o cabelo preto e solto, passando pelo meu vestido de alças, até aos simples sapatos rasos que usava em dois pés enormes.

– Isto nunca vai dar certo. – A rapariga abanou a cabeça com exasperação. – Vamos embora, tempo é dinheiro – foi a réplica petulante proferida por cima do ombro. O porta-bagagens abriu-se e enfiei a mala lá dentro.

– A propósito, o meu nome é Mia.

Estendi-lhe a mão ao mesmo tempo que ela deslizou pela cara um par de óculos escuros ultrafixes, virou a cabeça, e olhou para mim por cima dos óculos.

– Sei muito bem quem tu és. Fui eu quem te escolheu.

O tom de voz dela continha uma pitada de desagrado quando pôs o motor do carro a trabalhar e meteu prego a fundo, não esperando que eu colocasse o cinto de segurança. O meu corpo deu um solavanco para a frente, e agarrei-me com unhas e dentes ao macio *tablier* de couro.

– Fiz alguma coisa que te chateasse? – perguntei, reajustando o cinto e olhando-a de perfil.

A respiração dela saiu numa longa e lenta exalação antes de abanar a cabeça.

– Não – rosnou. – Desculpa. O Anton deixou-me danada. Estava no meio de uma coisa importante quando me disse para te vir buscar porque *ele* precisava do nosso motorista para *ele* poder dar umas pinocadas com um par de fãos no banco traseiro do *Escalade*.

Encolhi-me. Maravilha, ao que parecia o meu novo chefe durante aquele mês era um crápula nojento. *Outro não*.

– Que merda.

Ela apressou-se a virar à direita a toda a velocidade rumo à auto-estrada.

– Podemos começar de novo? – A voz dela continha agora sinceridade e arrependimento. – A propósito, o meu nome é Heather Renee, e sou a assistente pessoal de Anton Santiago. O mais badalado e *sexy* artista de *hip-hop* da nação.

– A sério?

Uau. Não me tinha apercebido de que ele era assim tão famoso. Por norma não costumava ouvir muita música *hip-hop*. Gostava mais de um *rock* chique alternativo.

Heather acenou com a cabeça.

– Olarila, cada álbum que gravou foi disco de platina. Ele é o *It boy* do *hip-hop*, e tem perfeita consciência disso, raios o partam. – Heather esboçou um sorriso. – O Anton está mortinho por te conhecer, mas não podes aparecer na frente dele com isso que trazes vestido.

O olhar dela desceu até ao simples vestido verde de alças que eu usava. Realçava-me a cor dos olhos e fazia com que o meu cabelo tivesse um aspecto fenomenal. E mais, era confortável para viajar.

– Por que não? – perguntei puxando a bainha do vestido, sentindo-me de súbito envergonhada.

– O Anton está à espera de uma modelo explosiva de fazer parar o trânsito com curvas a perder de vista. – Mais uma vez os olhos dela percorreram a minha indumentária. – Tens as curvas a jogar a teu favor, mas esse vestido é demasiado certinho, pareces a vizinha do lado com ar de Sandra Bullock. Vais precisar vestir uma das roupas que comprei para ti. Lá em casa, tens um roupeiro cheio de roupas à tua espera. Usa-as. Ele está à espera de que estejas sempre de cortar a respiração.

Franzindo o sobrolho, concentrei a atenção no que se passava do lado de fora da janela do carro à medida que o *Porsche* percorria a Ocean Drive a todo o gás. Os edifícios *art déco* com vista para o Atlântico estendiam-se por uma enorme extensão de terreno.

– Estou a ver que há água dos dois lados, não é? – referi quando cruzámos uma das pontes principais.

Heather fez um gesto com a mão.

– A lagoa de Biscayne Bay e o Atlântico estendem-se pelos dois lados do istmo. Como podes ver – disse apontando para os diversos conjuntos de altos edifícios –, a maioria deles é composta por hotéis, como por exemplo o Hotel Colony e outros marcos icónicos. Depois temos o pessoal – continuou, erguendo as sobrancelhas –, que pode dar-se ao luxo de viver aqui, como o Anton.

Perscrutando cada edifício à medida que o *Porsche* voava pela estrada, o vento soprando através das janelas despenteando-me o cabelo,

reparei na miríade de cores sumptuosas em paletas que não costumava ver com muita frequência. Em Las Vegas, tudo parecia castanho ou cor de terracota. Em Los Angeles, havia de tudo desde o branco-brilhante até uma grande variedade de tons neutros que se enquadravam no espírito da Califórnia. No entanto, aqui as cores pareciam explodir em tons claros e alegres de laranjas, azuis e rosas misturados com branco.

– Estás a ver todos estes lugares? – perguntou Hannah apontando para estabelecimentos como o Hotel Colony e o Hotel Boulevard com um movimento rápido da mão ao sabor do vento flutuante. Anuí com a cabeça e estiquei o pescoço por cima dela de modo a ver melhor. – Iluminam-se todos com luzes coloridas de néon à noite. Mais ou menos como em Las Vegas.

Las Vegas. Tenho a certeza de que arregalei os olhos quando um baque firme me atingiu o peito. Uma pontada de necessidade aninhou-se de repente à volta do meu coração. Precisava ligar para Maddy e para Ginelle. Caramba, a Gin ia ficar tão chateada quando lhe contasse o que aconteceu em Washington, DC. Quem sabe não conseguiria esquivar-me em definitivo a contar-lhe? Não há dúvida de que valia a pena ruminar naquela ideia

– É o máximo. Sou natural de Las Vegas, por isso vai ser óptimo ver esses edifícios iluminados. – Recostei-me no assento e desfrutei da brisa, permitindo que a tensão que se apoderara de mim em Washington e em Boston, quando tive que me afastar de Rachel e de Mason, se dissipasse.

Remexendo na mala, puxei do telemóvel e liguei-o. Soaram vários apitos. Verifiquei os recados, uma mensagem de Rachel a pedir-me que lhe enviasse um SMS assim que chegasse. Uma mensagem de Tai perguntando se o novo cliente era um cavalheiro ou se era preciso meter-se num avião de novo. E um SMS de Ginelle. *Oh, gaita*. Isto não era um bom sinal.

Senti como se o meu estômago fosse um abismo do tamanho do Grand Canyon, uma interminável caverna de receio preenchendo o vasto espaço aberto.

A Rapariga do Calendário

Para: Mia Saunders

De: Rata-Muito-Fedorenta

Foste atacada? Estás no hospital? Por que raio tive de saber disso através de uma mensagem do irmão do Tai! Se ainda não morreste, então mato-te eu!

Sustendo a respiração entre os dentes, digitei uma resposta.

Para: Rata-Muito-Fedorenta

De: Mia Saunders

Apenas um pequeno azar. Nada de especial. Estou ótima. Não te preocupes comigo. Ligo-te mais tarde quando estiver ambientada ao Amante Latino.

Para: Mia Saunders

De: Rata-Muito-Fedorenta

Amante Latino? Estás a gozar? Ele é o máximo dos máximos no hip-hop e bom como o milho!

Para: Rata-Muito-Fedorenta

De: Mia Saunders

Ouvi dizer que ele é um bolha.

Para: Mia Saunders

De: Rata-Muito-Fedorenta

Esse homem pode fazer-me bolhas quando quiser... de preferência com a língua!

Para: Rata-Muito-Fedorenta

De: Mia Saunders

Tens uma mente doente!

Para: Mia Saunders

De: Rata-Muito-Fedorenta

Gostaria de ser o arroz e o feijão que acompanham o prato que

ele come. O churro no fim da sua refeição. O pudim flambê que ele sopra e lambe o prato.

Para: Rata-Muito-Fedorenta

De: Mia Saunders

Pára! Vaca louca. Caramba. Fazes com que eu pareça uma santa do caraças.

Para: Mia Saunders

De: Rata-Muito-Fedorenta

Pelo menos sei que se for para o inferno vais estar mesmo ali ao meu lado para me dar uma boleia!

Soltei uma sonora gargalhada quando Heather perguntou, «Trabalho?» ao mesmo tempo que fazia um gesto na direcção do meu telemóvel. Carreguei num botão e pu-lo no silêncio antes de voltar a metê-lo na mala.

– Desculpa. Melhor amiga. Em cima do acontecimento. – Suspirei e passei o cabelo por cima de um ombro. O calor estava a incomodar-me. Debruçando-me para a frente, ajustei o ventilador de modo a bombardear-me com uma maravilhosa sensação de ar gélido. Ah, muito melhor. É óbvio que Heather não estava preocupada com o desperdício do ar frio, uma vez que também tinha as janelas abertas.

– São muito próximas? – Os lábios dela franziram-se ao fazer a curva e entrar num parque de estacionamento subterrâneo.

Franzi as sobranceiras. Que parte de «melhor amiga» é que ela não teria ouvido?

– Podes crer. Unha com carne. Conhecemo-nos desde sempre.

Heather bufou e bateu com a porta do carro ao fechá-lo.

– És uma sortuda. Eu não tenho amigos.

Estas palavras atingiram-me e percorreram-me como um choque eléctrico.

– Como assim? Toda a gente tem amigos.

Heather abanou a cabeça.

– Eu não. Trabalho demasiado para conseguir cultivar relações com quem quer que seja. O Anton tem de ser o melhor. Apesar de eu ser só

a sua assistente pessoal, preciso manter tudo a andar sobre rodas. Além disso, sou formada em Gestão de Empresas. Talvez um dia passe a tomar todas as decisões relacionadas com um artista. Se quiser que os meus sonhos se tornem realidade, preciso trabalhar no duro.

– Se tu o dizes.

Encolhi os ombros e fui atrás dela à medida que Heather se encaminhava a passo apressado em direcção ao elevador, passando por uma série de carros de luxo impressionantes.

– Gaita! – sussurrei numa voz quase inaudível, contemplando o *Mercedes*, o *Range Rover*, o *Escalade*, o *BMW*, o *Bentley*, o *Ferrari*, e vários outros automóveis europeus que não consegui identificar. O que de facto vi – aquilo que me deixou ali especada, pregada ao chão de cimento – foram as seis bombas mais *sexy* que alguma vez vi.

A *BMW HP2 Sport* – branca com jantes azuis e um motor de 1170cc de cilindrada. Sou capaz de me ter vindo nesse momento. Depois havia uma *MV Agusta F4 1000*, a única mota no mundo que possuía um motor com válvulas radiais. Virei-me um pouco, soltei a pega da minha mala, e avistei a terceira mota *sexy* como um raio, mesmo a pedir sexo no assento. A *Icon Sheene* toda preta com cromados brilhantes. Acariciei-a da maneira como só um amante faz, com a ponta do dedo, descrevendo as suas curvas arredondadas e o ousado *design* das arestas. Esta mota custa mais de cento e cinquenta mil dólares! *Foda-se. Não, a sério, tenho de foder nesta mota.*

Ar, preciso de ar! Arquejei e acocorei-me, ainda incapaz de desviar os olhos daquela beleza. *Queridinha, vem à mamã.* Não me importaria nada de morar nesta garagem, só para contemplar as motas dos meus sonhos.

– Hum, está alguém em casa? Terra chamando Mia? Que diabo estás a fazer?

Ouvi a voz de Heather, mas não respondi. Era como um mosquito irritante que por mais vezes que o enxotássemos, regressava e continuava a chatear.

Pus-me de pé devagar, inspirei fundo repondo o ar nos pulmões, e examinei aquele alinhamento uma vez mais. Uma *KTM Super Duke* toda ataviada de ornamentos pretos e cor de laranja encontrava-se no fim da fila. É provável que fosse a mais acessível de todas, sem dúvida

na minha lista de motas fantásticas aquela que talvez um dia possa ter dinheiro para comprar.

– De quem são estas motas? – perguntei, e a minha voz desceu uma oitava, maravilhada com o mais puro sexo escaldante sobre duas rodas.

– São do Anton. Este prédio é dele. O seu estúdio de gravação fica aqui, assim como o clube de dança, o ginásio, e é claro, a casa dele é na cobertura. Os restantes membros da sua equipa também têm cada um deles um apartamento no prédio. Vais ter até um *loft* só para ti que costumamos usar para as visitas das celebridades ou para o pessoal que estiver a trabalhar em algum dos álbuns dele.

– Ele anda nas motas?

Heather sorriu.

– Entusiasta das motas, hã?

– Pode dizer-se que sim.

Tive de forçar as palavras a sair-me da boca, muito embora ainda não tivesse despregado os olhos daquela fileira de belezas artificiais.

– Pode ser que ele te leve a dar uma voltinha.

Isso chamou a minha atenção.

– Uma voltinha.

Heather assentiu, com um sorriso tão bonito que podia pertencer a anúncios que vendiam produtos por todo o globo.

– Estou-me a lixar para isso. Não ando de mota, querida. Ando de carro.



Heather deu-me no máximo quinze minutos para me refrescar antes de me levar para conhecer Anton. Saltei para o duche, lavei a sujidade de um dia de viagem, e avistei o fato que ela havia escolhido e preparado para mim. Fato era uma descrição demasiado forte. O que se encontrava em cima da cama para eu vestir era um bocadinho de pano, um par de calções reduzidos e sandálias de salto alto com tiras que se cruzavam por toda a extensão da barriga da perna até ao joelho. Vesti os calções e observei a bainha ao espelho. Uma porção da bochecha do traseiro estava bem visível a qualquer olho mais perspicaz. Porra. Virei-me de

frente. O corte dos calções era tão alto que o forro do bolso deixava o rabo à mostra. O *top* era amoroso. Parecia uma blusa, atado por duas fitas finas a cada ombro. Fechando os olhos, contei até dez e proferi algumas palavras de incentivo.

És capaz de fazer isto, Mia.

Há apenas um mês andavas a cirandar por aí de biquíni com Tai e a equipa de modelos. Para dizer a verdade isto é mais roupa do que essa. E mais, não estás aqui por causa da tua moral impoluta em decência, estás aqui para ter um ar sexy e ser de interesse amoroso num videoclipe de rock. Hum, um videoclipe de hip-hop.

Um gemido escapou-me da boca enquanto apanhava o cabelo num rabo-de-cavalo. Tinha a sensação de que estava para aí um milhão de graus, ou talvez a minha temperatura interna tenha atingido a centena.

Inspirando devagar pelo nariz e expirando o ar pela boca, levantei a cabeça e saí do quarto dirigindo-me para a sala de estar. Heather estava ali, ao telefone. Os olhos dela percorreram a minha indumentária desde a ponta dos dedos dos pés até ao cabelo. Quando chegou à cabeça, uma feia careta desfigurou-lhe a cara. Sem nunca afastar a orelha do telefone, Heather veio até junto de mim, desfez o apanhado do cabelo, e deixou que a espessa cabeleira me caísse à volta dos ombros.

– Muito melhor – sussurrou enquanto me ajeitava o cabelo afofando-o aqui e ali. Depois estalou os dedos e encaminhou-se para a porta.

– Mas que merda é essa? Estalaste-me os dedos?

A agradável camaradagem que se estabeleceu entre nós durante a viagem de carro desde o aeroporto quebrou-se e desfez-se em pedacinhos.

Heather teve a elegância de parecer mortificada.

– Desculpa – declarou enfática. – Sim, Anton, já estou com ela. – As palavras dela reprimiam uma irritação como se fosse uma coisa física que se pudesse atirar ao ar e apanhar num impulso. – Vamos ter contigo à sala de dança. Sim, cinco minutos.

«Mia, desculpa. Ele deixa-me a cabeça feita num oito. Infelizmente, está com a corda toda. Não quis ser indelicada. Ao que parece os bailarinos

de apoio eram uma merda, não eram capazes de se mexer em condições, como se tivessem formigas nas cuecas.

Tentei rir-me com ela, mas não me saiu nada da boca. O medo fez ricochete em cada uma das minhas costelas para ir aterrar com força na barriga. Sem dúvida que ele não ficaria nada satisfeito quando descobrisse que esta rapariga branca não sabia dançar. Pelo menos tinha a certeza de que não haveria devoluções. Anton pagara o preço independentemente do facto de eu saber ou não dançar. Isso não fazia parte do meu portefólio, e nunca faria questão que fizesse.

As portas do elevador abriram-se para um vestíbulo onde as paredes espelhadas ocupavam todo o comprimento de parede a parede. As lâmpadas normais estavam apagadas na sala, tremeluziam umas luzes negras, e os holofotes incidiam sobre vários vultos, corpos contorcendo-se ao ritmo da batida obscenamente alta. Um homem em calções de *jogging* e *T-shirt* batia palmas ao som da música e gritava números para os bailarinos que eu julgava serem colocações para os pés ou mãos, mas não tinha bem a certeza.

Heather levou-me para um dos lados. Foi aí que pude ver com clareza e pela primeira vez Anton Santiago. Observei a sua silhueta elegante e musculada, e fiquei com a boca seca. A sala à minha volta parecia latejar como um batimento cardíaco à medida que ele avançava devagar. Cada batida da música acentuava-lhe os ombros, um na frente do outro, e contorcia-lhe as ancas a cada movimento. O corpo dele estava coberto de suor lustroso desde a clavícula protuberante, cobrindo-lhe os peitorais quadrados, e escorrendo por uma recta que era um abdómen tonificado como o caraças. Anton era não só um deus grego, como o seu corpo gritava: «Agarra-me, toca-me, põe o teu corpo nu em cima do meu.»

Anton rodopiou, os bailarinos de apoio imitaram o movimento, e depois golpeou o chão... com o corpo. Realizou em seguida uma série de flexões ao som do ritmo, depois só com uma das mãos, os músculos dos antebraços sobressaindo de maneira irresistível. Fez uma, mas com uma rotação adicional dos quadris como se estivesse a fornicar o chão. Santa mãe... Só me apeteceu rebolar o corpo até lá e deitar-me no chão para que ele pudesse praticar esse movimento numa mulher viva, que respira e de sangue quente. E eu estava bem quente. Quente como o caraças. Abanei-me à medida

que via o corpo dele contorcer-se, rodar e catapultar-se no ar aterrando nos dois pés, altura em que repetiu o movimento daquele impulso pélvico rodando as ancas ao som da letra mais do que *sexy*.

- Monta-o querida, monta... *rotação do corpo*
- Comigo, sou capaz de continuar a noite toda... *investida*
- Deixa-me dar-te prazer... *rotação do corpo*
- E monta-o querida, monta... *investida*

Anton levou a sua mão enorme ao material, empurrando-o para cima ao mesmo tempo que o seu corpo se arqueava no ar. Assemelhava-se a um deus bronzeado que tinha acabado de atacar a rapariga dos seus sonhos e verificava o estado da sua arma antes de regressar a uma batalha impulsionada pelo sexo.

A música parou de forma abrupta.

– Certo, pessoal, chega por hoje. Anton, foi fantástico – gritou o tipo de calções.

Anton não proferiu uma única palavra, limitando-se a erguer o queixo com um ar frio como gelo. Um bando de raparigas voou sobre ele com água e uma toalha.

– Oh, Anton, és o máximo. Tão *sexy*.

Este parou a poucos centímetros de distância de mim, com os olhos cravados nos meus. Verde contra verde. Os dele em chamas, os meus desviando-se cobardes.

- Deixem-me.
- Mas eu pensei que depois do ensaio iríamos divertir-nos.

Dois raparigas clamavam pela atenção dele.

As sobrancelhas dele franziram-se.

– O Anton não faz repetições. *Vete al carajo* – disse, e com um movimento da mão enxotou-as.

A avaliar pela careta e pela tristeza estampada na cara delas, o que quer que ele tenha dito não podia ter sido boa coisa. Mais tarde vim a saber que significava «vai para o caralho».

- *Lucita*. – Anton passou a língua pelos lábios da maneira que um homem faz e que nos deixa a coluna arrepiada e os músculos *contraídos*. Sim, ele fez que a minha rata se contraísse com um mero lambe de lábios.
- Agora que aqui estás, o que vamos fazer contigo?

O seu sotaque porto-riquenho fazia coisas alucinadas aos meus sentidos à medida que os olhos me examinavam de novo da cabeça aos pés. Podia muito bem ter estendido a mão passando-a ao longo da minha pele a julgar pelo modo como aquele olhar me fez sentir.

Aquelas esferas verdes cintilaram com o que só podia ser pura luxúria carnal. Ficámos ali de pé, com os olhos cravados um no outro, como se travássemos uma guerra silenciosa entre nós. As narinas estremeceram, os olhos semicerraram-se e, por fim, falei.

– Podiam dar-me qualquer coisa para comer. Estou faminta – retorqui.

Heather, muito mais perto de nós do que pensei, soltou uma gargalhada, quebrando a tensão entre mim e o Amante Latino. Agora que o via à minha frente, fazia todo o sentido aquele nome que inventaram para ele.

Os olhos dele desviaram-se pousando nos dela.

– Desculpa, Anton – disse Heather e desviou o olhar, não conseguindo ocultar o sorriso estampado na sua cara.

Anton estendeu-me a mão.

– Mía, vamos tratar de te atestar.

A maneira como proferiu aquelas palavras fez-me pensar numa centena de outras coisas bastante inapropriadas além de comida. Passei a língua pelos lábios e abri e fechei a boca várias vezes.

– Sim, ’bora.